



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**

**JÉSSICA FREITAS DOS SANTOS**

**IMAGENS DA NEGRITUDE:  
ANÁLISE COMPARADA DAS OBRAS “O OLHO MAIS AZUL” E “CORRA!”**

Tubarão

2023

**JÉSSICA FREITAS DOS SANTOS**

**IMAGENS DA NEGRITUDE:  
ANÁLISE COMPARADA DAS OBRAS “O OLHO MAIS AZUL” E “CORRA!”**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Letras - Inglês da  
Universidade do Sul de Santa Catarina  
como requisito parcial à obtenção do título  
de graduado.

Orientador: Prof. Alexandre Linck Vargas, Dr.

Tubarão  
2023

**JÉSSICA FREITAS DOS SANTOS**

**IMAGENS DA NEGRITUDE:  
ANÁLISE COMPARADA DAS OBRAS “O OLHO MAIS AZUL” E “CORRA!”**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de graduado e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras – Inglês da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 16 de junho de 2023.

---

Professor e orientador Alexandre Linck Vargas, Dr.  
Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Prof. Cíntia Viviane Fernandes de Abreu, Ma.  
Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Prof. Micaella Schmitz Pinheiro, Ma.  
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico este trabalho para a pessoa que foi superada nos momentos de fraqueza. Quando não podia, ainda assim, fazia-se presente pela necessidade, não pela força – eu.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço grandemente ao meu orientador Alexandre. Além da maestria como professor, foi um suporte na instabilidade quando eu estava à deriva. Quando me vi perdida no processo, mostrou-me o caminho de volta. Obrigada, professor.

Agradeço aos meus pais pelo suporte e não abandonarem o barco no meio da tempestade. Fui ancorada, parei quando se fez necessário para depois prosseguir na calmaria.

Para finalizar, agradeço a quem me acompanha no número do infinito. 8 anos ao meu lado, sendo o meu próprio barco, aguenta as ondas fortes, mas não me deixa naufragar. Obrigada, Pedro Henrique.

“Nós, nessa colônia, assumimos as características mais dramáticas e óbvias dos nossos senhores brancos, que eram, naturalmente, as piores que eles tinham. Para conservar a identidade de nossa raça, agarramo-nos às características mais gratificantes e menos espinhosas de manter” (MORRINSON, 2019, p. 178).

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a imagem da negritude e as formas de representação. O aporte teórico para a revisão bibliográfica foi construído com base na obra “Crítica da razão negra” de Achille Mbembe (2018) e “Cultura e representação” do autor Stuart Hall (2016). São obras atuais para o cenário de investigação do tema. As análises partiram de duas produções, o romance “O olho mais azul” de Toni Morrison (2019) e o filme “Corra!” de Jordan Peele (2017). Em ambos os enredos o negro é retratado com protagonista, no entanto, a forma em que são representados é diferente. Independente da distinção, os protagonistas vivem o enclausuramento que a cor os condena. A metodologia do trabalho foi de procedimento bibliográfico, desenvolveu-se com base em materiais de obras já publicadas. Sendo do nível exploratória e qualitativa. Não se buscou resultados numéricos, a intenção era corroborar com o estudo literário e cinematográfico acerca do tema da imagem da negritude. Os resultados esperados foram obtidos no fim do estudo, comprovou-se as fragilidades da imagem e das representações, mostrando através da análise as mazelas que os personagens carregam por serem negros.

Palavras-chave: Negritude. Imagem. Raça.

## **ABSTRACT**

This research aims to investigate the image of blackness and the forms of representation. The theoretical contribution to the bibliographic review was built based on the work "Critique of Black Reason" by Achille Mbembe (2018) and "Representation: Cultural Representations and Signifying Practices" by author Stuart Hall (2016). They are current works for the research scenario of the theme. The analyses came from two productions, Toni Morrison's novel "The Bluest Eye" (2019) and Jordan Peele's "Get out" (2017). In both plots the black is portrayed as a protagonist, however, the way in which they are represented is different. Regardless of the distinction, the protagonists live the prison that color condemns them. The methodology of the work was of bibliographic procedure, developed based on materials of works already published. Being of the exploratory and qualitative level. No numerical results were sought, the intention was to corroborate with the literary and cinematographic study on the theme of the image of blackness. The expected results were obtained at the end of the study, proving the fragilities of the image and representations, showing through the analysis the ills that the characters carry because they are black.

Keywords: Blackness. Image. Race.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Chris sendo hipnotizado.....	35
Figura 2 - Chris e o empregado da família Armitage .....	36
Figura 3 - Georgina .....	37
Figura 4 - Georgina e Rose .....	39
Figura 5 - Georgina e Chris no carro .....	42

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
1.1	OBJETIVOS .....	11
1.1.1	Geral .....	12
1.1.2	Específicos.....	12
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>DEVIR-NEGRO - RAÇA.....</b>	<b>14</b>
3.1.1	O NEGRO E A IMAGEM.....	16
<b>4</b>	<b>O OLHO MAIS AZUL.....</b>	<b>20</b>
<b>5</b>	<b>CORRA! .....</b>	<b>32</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>44</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema principal a estética da representatividade negra, a forma como essa imagem é vista, e quais são os estereótipos que permeiam a representação do corpo negro. O assunto será analisado em obras de épocas diferentes, sendo elas: “O olho mais azul” escrito por Toni Morrison de 1970 e “Corra!” lançado em 2017 e dirigido por Jordan Peele. Ao longo dos anos as obras mostram o negro em posições diferentes, nas que foram analisadas ao longo da pesquisa, percebe-se que em uma obra a imagem do negro é indesejada e na outra almejada. Mas mesmo que a imagem seja almejada, carrega marcas de uma história, e estereótipos produzidos pelo imaginário popular e que permeiam as narrativas até a atualidade. Uma forte marca impregnada no corpo do homem negro é a virilidade, visto como incansável, com a estética do corpo forte e bem desenvolvido.

O romance “O olho mais azul” escrito por Toni Morrison aborda no enredo a história de uma menina negra que sonha em ter os olhos azuis, visto que era imagem estampada em todos os lugares. Nunca uma menina negra representada, sempre branca e com traços característicos, como cabelos e olhos claros. Com base no desejo da personagem de ter um elemento físico presente nas estampas, percebe-se que há a uma lacuna na questão da representação da estética negra. Visto a publicação do livro em 1970, as indagações envolvendo o tema são diferentes das atuais. Com o passar dos anos a imagem dos negros começou a ser estampada em campanhas publicitárias e estar presente nos principais meio de comunicação. No entanto, deve-se analisar como a imagem do negro está estampada. Analisou-se quais são os elementos estéticos presentes na estética da imagem negra atual, quais as alegorias que permeiam ainda a representação desse corpo. Em contraponto ao livro de Morrison, que aborda as questões da imagem por volta dos anos 70, o filme “Corra!” dirigido por Jordan Peele, lançado no ano de 2017, 47 anos após a publicação do livro. O filme traz a imagem do negro como enfoque, trazendo no enredo a crítica sobre a fetichização da imagem, mostrando os estereótipos que percorrem a estética do corpo negro.

As obras mesmo sendo de épocas diferentes trazem problemáticas acerca da imagem do negro e sua expressão, necessita-se que o assunto seja mais desenvolvido e estudado, para que o tema venha à tona, de modo a dar enfoque a questões da representatividade e a forma como a imagem do negro ainda assim é

vendida. A análise das obras “O olho mais azul” e “Corra!” ajudará a compreender como o corpo negro foi retratado no romance e no audiovisual, e como é a visão sobre o seu próprio corpo, visto o caso da menina negra descrita por Morrison (2019). O livro e o filme trazem narrativas distintas do corpo negro, o livro aborda a questão de identificação e o preconceito racial, e o filme expõe a obsessão do homem branco a traços estereotipados do homem negro. Com isto, a pesquisa permeia questões de raça, devir-negro e objetificação do corpo. Percebeu-se a necessidade de analisar algumas indagações: Como vemos o corpo negro e como ele é exposto? Qual é a estética que percorre acerca da imagem do corpo negro? A forma como a personagem da obra “O olho mais azul” vê o corpo negro é cruel. Sente ódio por suas próprias características, e deseja elementos de uma estética que não a pertence. Inúmeras indagações necessitam de estudo para maior compreensão. A pesquisa faz-se necessária para corroborar com o tema, visto que há produções científicas encontradas no Google Acadêmico sobre a obra de Toni Morrison, mas não são trabalhos de literatura comparada de obras em épocas distintas. O filme “Corra!” contrapõe a visão do corpo negro, e o trabalho desenvolve as diferenças encontradas nas análises. Na plataforma SciELO não foi encontrado produções sobre o “O olho mais azul”, no entanto, há 9 artigos sobre as obras de Morrison. Na mesma plataforma não foi localizado produções sobre Jordan Peele e sobre seu acervo cinematográfico. Em pesquisa no Google Acadêmico encontrou-se trabalhos analisando obras do Jordan Peele, porém, as produções não são brasileiras na sua maioria. Com isto, a pesquisa agregará com a literatura sobre questões estéticas da representatividade negra, assuntos raciais e identitários.

## 1.1 OBJETIVOS

Esta seção representa os subtítulos que tenham relação com a seção primária, eles apresentam níveis até a seção quinária, todos eles devem ser apresentados em texto corrido, ou seja, não devem iniciar em nova página, apenas quando o texto não couber mais na página anterior.

### **1.1.1 Geral**

A imagem da negritude e de formas de representação a partir da análise comparada das obras “O olho mais azul” de Toni Morrison e “Corra!” de Jordan Peele.

### **1.1.2 Específicos**

Utilizar de obras distintas para expor as fragilidades da exposição da imagem do corpo negro e a forma como a estética é retratada;

Demonstrar as fragilidades da representação;

Investigar na obra “O olho mais azul” de Toni Morrison a problemática da identificação racial;

## 2 METODOLOGIA

A pesquisa dar-se-á com base nas obras “O olho mais azul” de Toni Morrison e “Corra!” de Jordan Peele como objeto de análise. Por intermédio das produções literária e cinematográfica, é proposto a abordagem do tema a imagem da negritude e as formas representaçã. A investigação da temática foi possível através dos materiais bibliográficos “Crítica da Razão Negra” de Mbembe (2018) e “Cultura e Representação” de Hall (2016). Tem-se como objetivo mostrar as fragilidades da representação da imagem nas obras e posteriormente o estudo de uma literatura comparada. “[...] a pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos”. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 36). Para a realização da pesquisa foi estabelecido os métodos, abordagens e procedimentos, sendo possível traçar e alcançar o objetivo final.

A pesquisa foi desenvolvida no procedimento bibliográfico. Utiliza-se de materiais para a construção do aparato teórico. A base da revisão bibliográfica do trabalho foi feita acerca das obras “Crítica da Razão Negra” de Achille Mbembe (2018) e “Cultura e Representação” do autor Stuart Hall (2016). Quanto a abordagem, segundo Gerhardt e Silveira (2009) as pesquisas podem qualitativas e quantitativas. As qualitativas não visam resultados numéricos, e sim, melhor compreensão sobre o assunto estudado e contribuição para o meio científico. As quantitativas têm resultados em expressões numéricas. Com isto, considera-se a abordagem da pesquisa qualitativa, pois busca-se contribuir com resultados positivos para compreensão do tema e corroborar como base para futuros estudos acadêmicos.

Conforme Gil (2002), a classificação da pesquisa encaixa-se no nível exploratório. Visto que esta classificação dar-se-á a pesquisas que partem de um material já existentes, como livros ou artigos. Os trabalhos classificados como exploratórios tem como objetivo o vínculo com o tema, de modo a torná-lo mais explícito, sendo possível a abertura de hipóteses. Com a construções de problemáticas é possível explorar o tema para findar os objetivos propostos na construção da pesquisa.

### 3 DEVIR-NEGRO - RAÇA

O negro e a raça estão associados de modo que os termos são reconhecidos como um só. Mbembe (2018) diz que o pensamento europeu tendenciou essa relação de rotular a aparência à raça, a dissociação não ocorre quando se refere aos negros. Faz-se de traços físicos parâmetros para enquadrar as pessoas a determinada raça. Sendo assim, é por intermédio da imagem que se classifica os homens e a representação da raça a qual ele pertence.

Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele e de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos em particular fizeram do negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura: a da loucura codificada. Funcionando simultaneamente como categoria originária, material e fantasmática, a raça esteve, no decorrer dos séculos precedente, na origem de inúmeras catástrofes, tendo sido a causa de devastações psíquicas assombrosas e de incalculáveis crimes e massacres (MBEMBE, 2018, p. 13).

O vir-a-ser negro sob uma visão europeia categoriza pessoas a uma condição social, colocando o homem em um lugar construído em cima do sistema capitalista. Estar em uma situação de trabalho análogo é uma forma de devir-negro. O homem está sendo feito de material para produção, preso ao círculo do capitalismo que coloca o ser humano em um ciclo sem fim. O devir-negro é um movimento dentro de um sistema no qual se é subjugado pelo que se tem, o que pode oferecer e o trabalho que pode exercer para fazer alguém lucrar. Ao categorizar o homem a uma raça condena-o a submissão. Traços estéticos já são o suficiente para rotular o homem, o movimento do devir-negro aprisiona o ser à raça. A pele negra carrega o corpo dos seus antepassados, a história e as marcas que permeiam sua estética. “[...] como consequência direta dessa lógica de autoficção, de autocontemplação e até mesmo de enclausuramento, o negro e a raça têm sido sinônimos, no imaginário das sociedades europeias”. (MBEMBE, 2018, p. 11-12). A raça é a sentença da diferença entre os homens. O estereótipo sobre a imagem prende o corpo negro à fetichização, a representação da estética negra faz do homem mercadoria. A imagem é consumida e explorada de diversas formas, atualmente utiliza-se do negro para campanhas, novelas, entre outras formas. A inclusão da estética negra no meio midiático é mais uma forma de exploração da imagem. É um modo de utilizar da imagem para propagar

a representação. Durante toda a história o corpo negro foi vendido, o que diferencia é o modo como a exploração é feita.

[...] homens e mulheres originários da África foram transformados em homens-objeto, homens-mercadoria e homens-moeda. Aprisionados no calabouço das aparências, passaram a pertencer a outros, hostilmente predispostos contra eles, deixando assim de ter nome ou língua própria. (MBEMBE, 2018, p. 13-14).

O homem negro foi vendido como produto de trabalho escravo, como moeda de troca e descartado quando não se fez útil. Hoje o corpo negro é vendido pela sua imagem, a estética do corpo é um produto comercializado, utiliza-se do ser como objeto para venda da sua representação. Os traços negros são desejados, sendo no ramo da estética ou até mesmo na sexualização do corpo. Criou-se uma narrativa de um corpo incansável, de uma pele resistente aos danos do tempo, de mulheres curvilíneas e homens sexualmente insaciáveis. A imagem criada acerca desse corpo faz com que a identificação da negritude seja fragilizada e resumida à estereótipos, o que acarreta por vezes a falta de pertencimento. “Em especial do termo negro, emanou por muito tempo uma energia extraordinária, ora como veículo de instintos inferiores e de potências caóticas [...] (MBEMBE, 2018, p. 20). Segundo o autor, ao identificar-se como negro, constitui sobre o ser um arquétipo de inferioridade e virilidade descontrolada. A raça afasta o homem, classificando-os e colocando cada qual em determinado local da sociedade. Por mais que se tente separar o homem da raça, ambos se difundiram, a criação da raça condenou o homem a ser uma projeção inventada.

Primeiramente, a raça não existe enquanto fato natural físico, antropológico ou genético. A raça não passa de uma ficção útil, uma construção fantasmática ou uma projeção ideológica, cuja função é desviar a atenção de conflitos considerados, sob outro ponto de vista como genuínos – a luta de classes ou a luta de sexos, por exemplo (MBEMBE, 2018, p. 28-29).

Mbembe (2018, p. 27) diz que raça é complexo e perverso, uma forma de manejar o terror, cria-se divisões para não serem considerados semelhantes a si mesmo. Utiliza-se do pensamento de raça para disseminar poder sobre o outro, ter controle sobre determinadas pessoas. “Frantz Fanon tem razão, no entanto, ao sugerir que o negro era uma figura ou ainda um “objeto” inventado pelo branco e “fixado” como tal por seu olhar [...]” (MBEMBE, 2018, p. 88). A submissão da raça por

intermédio do terror, o homem negro é utilizado como objeto em toda história. A raça é mais uma máscara que o negro tem que vestir para identificação, ao reconhecer-se em determinada raça, faz-se diferente dos demais. Se há distinção para o reconhecimento de pertencimento, há um porquê dentro da construção da sociedade. Historicamente ser diferente dos demais tem como consequência a repressão, perseguição e a violência. Carregar na imagem os traços da raça é nascer condenado, estar fadado ao preconceito.

Enquanto escravo, o negro representa, pois, uma das figuras perturbadoras da nossa modernidade, da qual ele constitui, de resto, a parte de sombra, de mistério e de escândalo. Pessoa humana cujo nome é humilhado, a capacidade reprodutiva e generativa deturpada, o rosto desfigurado e o trabalho espoliado, ele é testemunho de uma humanidade mutilada, profundamente marcada a ferro pela alienação (MBEMBE, 2018, p. 76).

A carne do negro está marcada por um governo em que viu um homem de cor como objeto de posse. A carnificação desse vir-a-ser-homem é o ponto mais importante na visão europeia, há uma plastificação do homem, é manipulável às mãos de quem tem poder sobre aquele corpo. “Negro” é, portanto, uma alcunha, a túnica com que alguém me encobriu e sob a qual tentou me encerrar” (MBEMBE, 2018, p. 92). A vestimenta da cor na carnificação do corpo fazia do sujeito um objeto, a negritude e o pertencimento ao corpo negro eram sentenças da fragilidade da carne, a não-humanização do ser.

### 3.1.1 O NEGRO E A IMAGEM

O autor Stuart Hall (2016) faz uma analogia sobre a oposição das palavras como por exemplo: bom/mau. O sentido é o contrário. Hall (2016) traz a imagem de homens negros nas Olimpíadas, na qual dizia “*HEROES AND VILLAINS*”<sup>1</sup>. O letreiro em letras maiúsculas é visualmente impactante, posicionado abaixo dos atletas negros. O enunciado “Heróis e Vilões” contrastam opostamente, o homem negro ao conquistar o pódio torna-se uma figura heroica no atletismo, no entanto, seu heroísmo carrega junto a vilania. O significado da imagem é ambíguo, interpretando de modo o corredor ser considerado um vilão por estar tirando o pódio de um homem branco. Com isto, o poder que impera é o da negritude. Mesmo vencendo, não se há um mérito

---

<sup>1</sup> A figura foi publicada na capa da revista *The Sunday Times Magazine* em 9 de outubro de 1988.

completo, sempre vem junto com a palavra positiva, a negativa em contrapartida. Nem sempre o que se diz, é o que de fato significa. Existe uma conotação por traz da denotação do texto e sobreposição da imagem.

A imagem do homem negro nunca está ligada a conquista, há sempre uma tentativa de diminuir a vitória. O atleta Linford Christie que vence no Reino Unido há muitos anos não pode ser considerado britânico, mesmo que haja o sentimento de pertencimento. Afinal, ser britânico é ser branco. O corredor é pertencente a Jamaica, onde nasceu, mesmo não vivendo a sua vida lá. Os 28 anos em solo britânico não faz dele um pertencente do lugar, já que sua cor diz o contrário do é ser cidadão lá. Hall (2016) diz que o noticiário ao invés de retratar a vitória do atleta, destacou o retrato dos seus genitais nos shorts. “O atleta foi objeto de várias provocações dos tabloides sobre a proeminência e o tamanho de sua “lancheira” – um eufemismo aceito de forma tão literal por algumas pessoas a ponto de ele ter sido abordado por uma empresa [...] (HALL, 2016, p. 147). O feito de Christie é ridicularizado e a exaltação é objetificação do corpo. A projeção dos genitais na roupa é motivo de notícia, já que, há uma alegoria sobre a potencial sexual de um homem negro. Criou-se toda uma narrativa incansabilidade sobre este corpo. O atleta veio a público falar sobre o caso e afirmou que a fala é racista, e que ele é uma pessoa séria e não se resume ao seu corpo. O estereótipo do corpo recai até mesmo aos que chegam ao topo.

Parece-me natural que imagens de pessoas negras extraídas dos esportes enfatizem o corpo, instrumento das habilidades atléticas e da conquista. No entanto, é muito difícil que as imagens de corpos em ação, no auge de sua perfeição física, não carreguem também, de alguma forma, “mensagens” sobre *gênero e sexualidade* (HALL, 2016, p. 148).

Independentemente da posição de prestígio do atleta, da performance, a imagem da perfeição física recai sobre sexualização do corpo. Segundo Hall (2016, p. 150) as imagens não somente significam, e sim, carregam significados. A representação da estética do corpo negro carrega as significações sobre a imagem. Da mesma forma que pode excluir um significado com imagens e textos. “Todo o repertório de imagens e efeitos visuais por meio dos quais a “diferença” é representada em um dado momento histórico pode ser descrito como um *regime de representação*” (HALL, 2016, p. 150). O autor traz a imagem do Carl Lewis em uma pista de corrida utilizando salto alto, a representação quebra o paradigma da masculinidade aflorada do homem. A imagem carrega os dizeres “*Power is nothing*

*without control*”, na sua tradução literal – Poder não é nada sem controle. Há a possibilidade de interpretar a conotação do texto de diversas formas. Como por exemplo, o poder de um corpo negro, não é nada sobre o controle alguém. A carga de significados sobre a representação da estética negra é muito ampla, visto toda sua significação histórica.

Há a poderosa oposição entre “civilização” (branco) e “selvageria” (negro). Existe a oposição entre as características biológicas ou corporais das “raças” “negra” e “branca”, polarizadas em seus extremos – significantes de uma diferença absoluta entre espécies ou “tipos” humanos (HALL, 2016, p. 167).

Hall (2016) diz que a polarização das “raças” ocorre em outros ramos, como no cognitivo, a facilidade de aprendizado, as crenças, a forma de se comportar. A visão de capacidade distinta por conta da cor, menospreza o negro em todos os sentidos intelectuais, reforçando estereótipo de que somente o corpo há características positivas. Falava-se que o negro só era feliz quando tutelado por um branco, visto que a sua selvageria tida como natural. Entre negros e brancos havia a diferenciação de cultura e natureza. “Entre os negros, aceitou-se que “cultura” *coincidia com* “natureza”. Enquanto os brancos desenvolveram a “cultura” para subjugar e superar a “natureza”, para os negros, “cultura” e “natureza” eram permutáveis” (HALL, 2016, p. 168). O branco tem o negro como inferior, a raça subordinada, seres primitivos. A plasticidade do corpo negro, por meio da visão do branco, faz com que qualquer ato de comportamento civilizado fosse visto como uma cópia dos padrões. Como se a natureza da raça fosse animalesca, incapaz de raciocinar e viver civilizadamente em sociedade. Segundo Hall (2016) havia a visão de que o negro tem uma preguiça inata, própria da raça, mais uma característica tida como natural.

Os negros não eram apenas representados em termos de suas características essenciais. Eles foram *reduzidos à sua essência*. A preguiça, a fidelidade simples, o entretenimento tolo protagonizado por negros (*coonin*), a malandragem e a infantilidade pertenciam aos negros *como raça, como espécie* (HALL, 2016, p. 173).

Os estereótipos limitam a percepção do ser pelas suas características. Segundo Hall (2016) a estereotipagem divide o que é aceitável e o que não é. Há uma exclusão da diferença, só é aceito o que cabe dentro dos padrões. O homem negro só começou a ter sua imagem exposta no cinema quando começou a se enquadrar em características brancas. A vestimenta, os gestos, o comportamento, tudo foi

moldado para que encaixasse em um molde do que é “normal”, o aceitável. Ser negro e reafirmar o estereotipo da raça não é positivo. Hall (2016) diz que há um domínio de poder sobre pessoas diferentes e não aceitas. O controle sobre o corpo do negro recai sobre seu domínio e seus desejos. A imagem infantilizada contrapõe o desejo sexual do homem, mas quando se retrata o corpo negro, a estética representa a hipersexualização do corpo. A sexualidade é resumida a órgãos sexuais, não se trata de desejos, já que quando o desejo é exposto, recai sobre outro estereotipo: o homem-animal. O desejo do homem insaciável, o homem é visto como uma fera descontrolada. O corpo negro é rejeitado, mas seus órgãos sexuais viram objeto de desejo. “O fetichismo, então, é uma estratégia para ter tudo ao mesmo tempo: tanto para representar, quanto para não representar o objeto de prazer e desejo que é considerado tabu, perigoso ou proibido” (HALL, 2016, p. 209). O olhar sobre o negro sempre tendenciou à exclusão, a vertigem, mas aspira-se o fetiche do desejo corporal de possuir e usufruir. O controle do branco sobre o negro não é limitado somente ao trabalho braçal, as mulheres serviam aos prazeres sexuais dos seus patrões, assim como os homens. O corpo pertencia a quem o comanda-se, a submissão era orquestrada pela cor, o estereotipo definia o dominador e o dominado.

#### 4 O OLHO MAIS AZUL

O romance “O olho mais azul” lançado no ano de 1970 aborda inúmeras questões raciais, sociais e econômicas. Toni Morrison é escritora e professora estadunidense, foi uma mulher negra e escreveu sobre a negritude ao longo da vida. A obra inicia com o desfecho da personagem principal, Pecola. A narrativa traz primeiro o fato consumado e ao longo do romance a história é narrada. A violência sofrida pela personagem é exposta já no primeiro momento do livro, mostrando que o desenrolar da história não se trata de uma mera narrativa adolescente. “Cá entre nós, não houve cravos-de-defunto no outubro de 1941. Na época pensamos que era porque Pecola ia ter bebê do pai dela que os cravos-de-defunto não cresceram” (MORRISON, 2019, p. 9). Antes mesmo de apresentar os personagens, a problemática já é lançada ao leitor. Pecola iria ter um bebê do seu próprio pai. O trecho não se refere no primeiro momento à um incesto, deixando em aberto como concebeu a gravidez. O estado de Pecola é a quebra da inocência da infância.

O que está claro agora é que agora, de toda a nossa esperança, do medo, luxúria, amor e pesar, não resta nada além de Pecola e da terra improdutiva. Cholly Breedlove está morto; nossa inocência também. As sementes murcharam e morreram; o bebê dela também (MORRISON, 2019, p. 10).

Cholly Breedlove é o pai de Pecola, o pai do bebê. O feto não sobreviveu, e a forma como Morrison (2019) faz alusões às sementes é metafórica. A improdutividade da terra, da criança e da inocência. A violência ceifa a esperança de melhoria. Após mostrar a gravidez na infância da personagem, a autora dispõe os capítulos da obra em estações: outono, inverno, primavera e verão.

Em sequência da apresentação do desfecho, a obra traz problemáticas acerca das dificuldades vividas pelo negro. O devir-negro descrito por Mbembe (2018) demonstra as fragilidades humanas sofridas em decorrência de todo um sistema capitalista que coloca as pessoas vulneráveis em locais mais insólitos ainda. A menina Pecola é mais uma que sofre o as consequências do sistema. Quando a narrativa começa a desenvolver a vida da jovem, logo é visto que a primeira violência sofrida narrada é ser despejada.

Mamãe tinha dito, dois dias antes, que estava chegando um “caso” – uma menina que não tinha para onde ir. O condado a havia colocado em nossa

casa por alguns dias, até decidir o que fazer com ela ou, mais precisamente, até que a família se reconciliasse (MORRISON, 2019, p. 20)

Pecola é tratada como um “caso”, é um caso dentro da estatística, deixa de ser um ser humano e vira um número. “A figura humana é plástica por definição. O sujeito humano por excelência é aquele capaz de se tornar outro, outro alguém que não ele mesmo, uma nova pessoa” (MBEMBE, 2018, p. 235). A menina não teve apenas que se tornar outro, mas sim, torna-se algo. Na sua plasticidade de sua vida, deixou sua posição de filha para agregada. A menina não estava na rua, mas foi posta para fora de casa, estava em um novo lugar. Segundo a narradora, há uma diferença sutil em ser posto para fora e ser colocado na rua. Estar na rua era o fim, a consolidação da condição da metafísica. “Nossa existência periférica, porém, era coisa com que tínhamos aprendido a lidar – provavelmente porque era abstrata” (MORRISON, 2019, p. 21). Estar na rua era físico, já aconteceu. Deixa de ser somente a consequência e passa a ser o fato. Pecola é periférica, sua vida é condenada a sequelas históricas. A menina sofre somente por ser quem é. “Cholly Breedlove, então, um negro que pagava aluguel, ao pôr a família na rua, havia se catapultado para além do alcance da consideração humana. Agora estava junto dos animais; era, realmente, um cachorro velho, uma cobra, um rato de um negro” (MORRISON, 2019, p. 22). O negro visto na rua perde sua humanidade ao estar nessa situação, difunde-se a realidade tornando-se um devir animal. A família de Pecola dissolve-se no infortúnio do despejo, agora ela torna-se parte dos milhares de “casos” de meninas negras. “A expressão “razão negra” remete ao conjunto das deliberações sobre a distinção entre o impulso animal e a *ratio* do homem – sendo o negro o testemunho vivo da própria impossibilidade de separação” (MBEMBE, 2018, p. 67). Segundo Mbembe (2018) está difundido ser negro e ter o impulso animal. Cholly ao colocar sua família na rua não foge da marginalização que a cor sentencia.

Os Breedlove não moravam na parte da frente de uma loja por estarem passando dificuldades temporárias, adaptando-se aos cortes na fábrica. Moravam ali por serem pobres e negros, e ali permaneciam porque se achavam feios. Embora sua pobreza fosse tradicional e embrutecedora, não era exclusiva (MORRISON, 2019, p. 42).

Mbembe diz que: “A raça é ao mesmo tempo ideologia e tecnologia do governo” (2018, p. 75). É retratado na família dos Breedlove o que acontece diariamente, a raça é que defini a separação de homem e homem-animal. O negro não é prioridade, mal

é visto como homem. O despejo da família é a retratação disso. A casa a qual acolheu Pecola era composta por uma família com mais duas meninas negras, Frieda e Claudia. Claudia é um narrador-personagem, grande parte da história é contada por ela. As três meninas têm questões relacionadas a imagem, serem negras traz conflitos de reconhecimento e pertencimento, não desejam a forma que tem. A visão sobre a estética que carregam é um fardo, há uma necessidade de libertação daquele corpo. Claudia é a mais nova entre elas, mas sabe que sua imagem representa algo visto como o não belo. A fragilidade da imagem reflete na visão que a criança passa a ter sobre as bonecas.

Começou o Natal, com as bonecas ganhas de presente. O presente grande, especial, dado com muito carinho, era sempre uma Baby Doll grande, de olhos azuis. Pela tagarelice dos adultos, eu sabia que a boneca representava o que eles pensavam que fosse o meu maior desejo (MORRISON, 2019, p. 23).

. A personagem carrega traços marcantes, como o cabelo afro e a tonalidade da pele escura. Hall (2016) aborda a forma como as características físicas da raça fosse uma carga a ser carregada. “Os negros forma reduzidos aos significantes de sua diferença física – lábios grossos, cabelo crespo, rosto e nariz largos e assim por diante (HALL, 2016, p. 174)”. Para Claudia, assim como para Pecola, seus traços eram um peso, e o decreto de não ser bela. O sofrimento gerado por conta da sua imagem, evidencia cada vez mais nos detalhes que elas não são vistas, desde a boneca até o desenho na xícara as representações são de meninas brancas. “Eu destruía bonecas brancas. Mas o desmembramento de bonecas não era o verdadeiro horror. O que realmente aterrorizava era a transferência dos mesmos impulsos para garotinhas brancas” (MORRINSON, 2019, p. 26). A frustração em relação a sua imagem e o preconceito sentido, geraram na menina repugnância a pele branca. Para elas, aceitar-se negra em uma sociedade com ideais de beleza brancos, era impossível. Somente por nascer negra já era considerada feia.

O feminino está diretamente desenhado com a aceitação da imagem, no entanto, Morrison (2019) traz uma outra vertente - o descobrir-se mulher. As meninas que estão envolvidas na trama são socialmente excluídas em decorrência da imagem, mas também por questões econômicas e sociais. A menstruação é um fator não discutido e explicado, porém para elas é um grande ciclo sagrado feminino. “Naquela noite, na cama, nós três ficamos deitadas imóveis. Estávamos cheias de admiração e respeito

por Pecola. Deitar-se ao lado de uma pessoa de verdade, que estava “menstruando” de verdade, era meio sagrado” (MORRINSON, 2019, p. 35). Ao assumir a ideia de tronar-se uma mulher, Pecola foi exposta a mais uma agressão. A mudança do seu corpo, e o posicionamento ser-mulher, faz com que a personagem perca aos outros olhos a essência infantil e passe a ser vista como mulher. As irmãs a veem com admiração, estar ao lado de alguém que menstrua é especial, não é mais uma criança, o processo natural do corpo, um fator biológico crava a despedida da infância.

Pecola sempre sofreu por ter que carregar no corpo os estereótipos acerca da estética negra, mas com a quebra do paradigma da infância, o sofrimento acentuou. A sua imagem passou a ser um fardo, estar na presença de pessoas não negras era desconfortável. Na sua visão, deveria estar inserida em locais de pessoas negras, já que ali era aceita e sua aparência era tolerada.

Enquanto ela tivesse a aparência que tinha, enquanto fosse feia, teria que ficar com aquelas pessoas. Por algum motivo ela lhes pertencia. Passava longas horas sentada diante do espelho, tentando descobrir o segredo da feiura, a feiura que a fazia ignorada ou desprezada na escola, tanto pelos professores quanto pelos colegas (MORRINSON, 2019, p. 49).

A personagem sacramenta-se feia por ser negra, com isto, para ela o não ser negro era o significado de beleza. Assim, começa a idealização de aspectos estéticos presentes em pessoas brancas, não se trata apenas da cor, e sim de artifícios que representam brancos. Cabelos loiros e lisos, olhos claros, tudo isso faz parte de um imaginário popular da idealização da aparência perfeita, afinal, as características estão presentes em corpos não negros. Durante a obra, é reforçado por outros personagens que ser negra é ser feia. “A salvo do outro lado, ela berrou para nós: “Eu sou bonita! E vocês são feias! Pretas e feias, pretas retintas. Eu *sou* bonita!”” (MORRINSON, 2019, p. 77). A forma como se vê e o reforço dos estereótipos externalizados de forma de ofensiva, ecoava em Pecola um desejo imensurável de mudança. A personagem passou a ansiar que a sua aparência mudasse, mas não eram melhorias acerca da sua imagem, era uma nova característica física. “Toda noite, sem falta, ela rezava para ter olhos azuis. Fazia um ano que rezava fervorosamente. Embora um tanto desanimada, não tinha perdido a esperança. Levava muito, muito tempo para que uma coisa maravilhosa com aquela acontecesse” (MORRINSON, 2019, p. 50). Após este momento, a idealização dos olhos azuis vira uma obsessão da personagem. Ter aqueles olhos seria uma fuga de si, é ser aceita

pela sua imagem. A aparência é um ponto fragilizado e atinge no amago do pertencimento, visto que não se reconhece em nenhuma das imagens estampadas. Hall (2016) diz que estereotipo limita e defini, sendo assim, a aceitação do seu corpo é a sentença de ser diferente das imagens. “A estereotipagem implanta uma estratégia de “cisão”, que divide o normal e aceitável do anormal e inaceitável” (HALL, 2016, p. 191). Pecola quer ser aceita, com isto, vem a necessidade da fuga de si. Claudia entendia que as bonecas brancas eram o reflexo do que queriam que ela fosse, Pecola não só entende isso, como quer ter a estética da imagem idealizada. Seu objetivo é fugir da sentença que é carregar suas características físicas, afinal, está aprisionada por sua imagem.

Ela a tem visto à espreita nos olhos de todos os brancos. Deve ser por ela a aversão, pela sua negritude. Tudo nela é fluidez e expectativa. Mas sua negritude é estática e medonha. E é a negritude que explica, que cria o vácuo afiado pela aversão em olhos de branco (MORRINSON, 2019, p. 52).

A personagem entende que a sua estética vem antes do seu valor como ser humano, fica restrita à visão do outro pelo seu exterior. A cor da menina a segura às amarras do sofrimento, da exclusão e do não pertencimento. “[...] o negro é antes de tudo um corpo – gigantesco e fantástico –, um membro, órgãos, uma cor, um odor, músculo e carne, uma soma inaudita de sensações” (MBEMBE, 2018, p. 80). Mbembe (2018) aborda o negro com definições do que se é, o homem está limitado aos estereótipos, eles chegam à frente do ser. Morrison (2019) traz as meninas com suas questões identitárias, mas de formas diferentes. Pecola é a que mais deseja fugir da limitação, quer estar fora da definição da cor, e todas as outras características. Claudia, ao contrário de Pecola, não deseja fugir da sua negritude, cria aversão pelo não negro. O ódio pelas bonecas refletia a problemática da imagem. A aversão pela própria aparência, fazia com que as meninas sentissem raiva até mesmo de outras meninas negras, pelo fato de não serem retintas e terem a pele mais clara.

O transtorno das estações foi obra de uma menina nova na escola, chamada Maureen Peal. Uma criança de sonho, mulata claríssima, de cabelo castanho comprido, preso em duas tranças grossas que lhe pendiam às costas. Era rica, pelo menos para os nossos padrões, tão rica quanto as mais ricas das meninas brancas (MORRINSON, 2019, p. 66).

Maureen Peal mesmo sendo negra vivia um padrão de vida diferente, o que acabava sendo mais uma barreira entre elas. O pouco capital que a família de

Maureen tinha, já as separava, não pertenciam ao mesmo meio. “E o tempo todo sabíamos que Maureen Peal não era o Inimigo e não merecia ódio tão intenso. A *Coisa* a temer era a *Coisa* que tonava bonita a *ela* e não a nós” (MORRINSON, 2019, p. 78). O que separava as meninas de Maureen ia além da aparência, o sistema capitalista fazia que o dinheiro da família de Maureen a colasse em outro lugar e pertencesse a outro ambiente. Ainda assim, mesmo tendo compreensão que não era a nova aluna o motivo da frustração da imagem, e sim todo um sistema, tudo em relação à jovem incomodava as meninas negras, ela não tinha os mesmos estereótipos e o padrão de vida a afastava das demais. Maureen era considerada bela, justamente por não ter o cabelo extremante afro, possuir os traços mais finos e delicados, não tendo características comuns em meninas negras. “Frieda e eu ficamos pasmas, irritadas e fascinadas com ela. Fizemos muito esforço para encontrar defeitos que nos restaurassem o equilíbrio, mas, de início, tivemos que nos contentar com enfeitar o nome dela [...]” (MORRINSON, 2019, p. 67). A aversão e o fascínio à imagem automaticamente geravam uma busca de defeitos para consolação própria. Sentiam-se melhores quando viam que a imagem retratada como perfeição também tinha imperfeições. A pele mais clara de Maureen não a fazia branca, mas distanciava da negritude de Pecola, Claudia e Frieda. O trio sempre vai se sentir diferente, não tem como distanciá-las da cor, carregarão os estigmas sempre.

Em suma, dizer de alguém que é um “homem negro” equivale a dizer que se trata de um ser predeterminado biológica, intelectual e culturalmente por sua irreduzível diferença. Pertenceria a uma espécie distinta. E era como uma espécie distinta que deveria ser descrito e catalogado. Pela mesma razão, deveria ser submetido a uma classificação moral também distinta (MBEMBE, 2018, p. 135-136).

Mbembe (2018) fala da forma como existe a separação entre o homem não negro e o homem negro. Antes de ser homem, se é negro. Com isto, há distinção, o negro não é visto pelo seu ser, e sim pela sua cor. A cor chega à frente de suas conquistas, como cita Hall (2016). Não importa se é um campeão, a cor tira os méritos, passa a ser somente falha do não negro. No romance de Morrison (2019) não há presença de homens negros se sobressaindo, é visto a marginalização da raça. Todos são citados e lembrados como negros, não desvinculam os personagens a cor. ““Preta retinta. Preta retina. Seu pai dorme pelado. Preta retinta, preta retinta, seu pai dorme pelado. Preta retinta... [...]” (MORRINSON, 2019, p. 69). A personagem é referida

pela cor, é como se sua identidade fosse secundária, antes de ser Pecola, era preta retinta. “Eles haviam improvisado um verso composto de dois insultos sobre questões acerca das quais a vítima não exercia controle: a cor de sua pele e especulações sobre os hábitos de sono de um adulto, loucamente encaixados em sua incoerência” (MORRINSON, 2019, p. 69). Ela sabia que não poderia deixar o enclausuramento de ser negra, estava fadada a sofrer por algo ao qual não poderia mudar. Os momentos em que demonstra insatisfação com a sua imagem é desejando ter uma característica predominantes em pessoas brancas – os sonhados olhos azuis.

Morrison (2019) aborda questões femininas também na fase adulta, as meninas mostram suas frustrações e medos na infância, mas o preconceito persiste quando deixam a infância e tornam-se mulheres. A mulher negra tem menos identidade ainda que os homens, são vistas como sombras, plásticas, sem sentimentos, vivem para servir. Segundo Hall (2016) o corpo negro pertence a quem comanda, sendo assim, visto como objeto de pose. O corpo da mulher negra é o que tem menos pertencimento de si que qualquer outro. Serve como instrumento de trabalho, reprodução e satisfação sexual. “*Quando chegou a minha vez, ele disse que com essas mulheres vocês não têm problema algum. Elas são à luz logo e sem dor. Exatamente como as égua*” (MORRINSON, 2019, p. 126). A autora mostra a animalização dessa mulher, não importa o que sentem, a visão passada é que se a serventia é reproduzir, não sente dor como um ser humano. A mulher, assim como o homem, também é vista como um vir-á-ser animal. Sua humanidade é deixada de lado e Morrison (2019) expõe a fragilidade da raça de modo explícito. As passagens da obra mostram as mazelas da prisão da cor de inúmeros modos. “*As dor não tava assim tão forte, mas eu tinha que fazer aquela gente saber que ter um bebê era mais do que a vontade de ir no banheiro. Eu sentia tanta dor quanto as brancas*” (MORRINSON, 2019, p. 126). A mulher negra precisa mostrar humanidade na fragilidade, demonstrar que também sofre e sente dor, que não é exclusividade das pessoas brancas. Além da necessidade de mostra-se humana, precisa da aprovação no que se faz. A mesma mulher que quer mostrar que sente dor como uma branca, busca reconhecimento de uma família branca no seu serviço, deixando até mesmo a sua família de lado e sentindo-se melhor com os patrões.

Foi negligenciando cada vez mais a casa, os filhos, seu homem – eles eram como as reflexões tardias que se tem um pouco antes de pegar no sono, as fronteiras do amanhecer e do anoitecer dos seus dias, as fronteiras escuras

que tornavam a vida cotidiana com os Fisher mais clara, mais delicada, mais deliciosa (MORRINSON, 2019, p. 128).

A aprovação vem em forma de dependência, a família branca mostra-se dependente dos serviços dessa mulher. É como sua presença fosse necessária, não seriam capazes de reproduzir seus serviços. E de fato não fariam. A doméstica serve à família de modo escravo, vive em função da vida deles, trabalha pensando no sentimento que terão por ela. O apreço não é pela pessoa e sim pela mão de obra eficaz que a mulher negra produz. “Ouvir: “Nós jamais deixaremos que ela vá embora. Nunca encontraríamos alguém como a Polly. Ela simplesmente *não* vai para casa se a cozinha não estiver absolutamente em ordem. Realmente, ela é a empregada ideal”” (MORRINSON, 2019, p. 129). A fragilidade do ser, dependendo de reconhecimento por serviços exacerbados, demonstram a falta estima que se tem pela raça. Mbembe (2018, p. 150) diz que: “Deparar-se com o escravo é experimentar um vazio tão espetacular quanto trágico”. Polly, a negra empregada buscava um preenchimento de si. Um conteúdo para o seu vazio existencial, afinal, não passa de um corpo-objeto. Existia a carcaça, mas não tinha conteúdo dentro desse objeto. A partir do momento em que não servisse mais, a família a substituiria e toda a admiração será voltada a quem os servir novamente. Polly não está preenchida, sempre será vazia, é fruto do sistema capitalista que faz da sua existência uma mão escrava substituível. “O nascimento do sujeito racial – e, portanto, do negro – está ligado à história do capitalismo” (MBEMBE, 2018, p. 309). Como Mbembe (2018) cita, o negro está inteiramente ligado ao sistema capitalista, e Morrison (2019) mais uma vez demonstra isso na narrativa.

A história vai e volta para Pecola, a história inicia falando da sua gravidez, mas durante a obra a narrativa traz a história para o presente. A forma como a criança foi concebida não fica claro da primeira vez que é citada, no entanto, há a explicação clara ao longo do enredo. Pecola, sofre inúmeros tipos de violência durante a narração, o ciclo não se finda. Além de tudo o que carrega por ser negra, no local em que deveria estar protegida, está mais vulnerável. Cholly, o pai de Pecola a violenta sexualmente. O estupro acontece na própria casa, em uma situação rotineira, lavando a louça, de costas, indefesa e vulnerável. “A boca tremeu ante a doçura firme da carne. Ele fechou os olhos, afundando os dedos na cintura dela. A rigidez do corpo chocado dela, o silêncio de sua garganta atônita foram melhores do que o riso fácil de Pauline [...]” (MORRINSON, 2019, p. 163). A menina foi vítima do próprio pai em um momento

de surto, Cholly partiu para cima da sua filha tendo em seu pensamento a imagem de outra mulher. Seu corpo rígido não teve reação, a menina não conseguiu se desvencilhar do ataque. “[...] A mistura confusa de suas lembranças de Pauline e de estar fazendo algo selvagem e proibido o excitou, e um raio de desejo disparou-lhe pelo membro, distendendo-o e amolecendo-lhe os lábios do ânus” (MORRINSON, 2019, p. 163). Quando recobrou o sentido da realidade o ato já estava consumado. O estupro havia acontecido. Cholly viu que era sua filha e não Pauline em quem estava pensando.

Foi tão doloroso sair de dentro dela que ele foi rápido e arrancou o membro da enseada seca que era a vagina dela. Ela parecia ter desmaiado. Cholly se levantou e só conseguiu enxergar a calcinha acinzentada dela, tão triste e frouxa ao redor dos tornozelos (MORRINSON, 2019, p. 163).

Pecola perde a consciência no ato. Voltar a si depois da violência sexual é impossível, a menina jamais poderia ser a mesma, sua narrativa tem um novo trauma. A Pecola anterior a violência não existe mais. Hall (2016) diz que o corpo negro é sexualizado, e neste momento da obra o corpo da menina negra serviu como objeto sexual para satisfazer o prazer de outro. A sexualização do corpo negro não ocorreu somente na fase adulta, nem mesmo criança estava livre desta violação do corpo. “Assim, quando voltou a si, a criança estava deitada no chão da cozinha sob um acolchoado pesado, tentando estabelecer relação entre a dor que sentia entre as pernas e o rosto da mãe assomando acima dela” (MORRINSON, 2019, p. 164). Quando a criança reestabelece para a realidade, não consegue lidar com os sentimentos. A dor do ato, a dor da vulnerabilidade, a dor ser mulher, a dor de ser mulher negra. Estar no chão é também estar abaixo de todos os olhares superiores, a menina estava na mais exposta das classes.

Após o trauma da violência sexual, a aparência sobrecarrega ainda mais sua aceitação. Aceitar a si naquela imagem, era também viver com todas as angústias que causou. Os abusos estão presentes a toda vez que vê sua representação. O desejo da troca dos olhos é uma fuga de si. E novamente, torna-se presente a ânsia para que os olhos se tornem azuis. A busca por uma solução ocorre, a personagem externaliza sua vontade de mudança e encontra uma espécie de realizador de desejos.

Foi por isso que mudei os olhos da menina negra para ela, e não a toquei; não encostei um dedo nela. Mas dei-lhe os olhos azuis que ela queria. Mas

dei-lhe os olhos azuis que ela queria. Não por prazer nem por dinheiro. Fiz o que o Senhor não fez, não pôde, não quis fazer: olhei para aquela menina negra e feia e amei-a (MORRINSON, 2019, p. 182).

A menina acredita fielmente ter conseguido o que tanto sonhava, mas a concretização do pedido fica a interpretação do leitor. Pecola tinha certeza de que o pedido havia se realizado, afinal, cumpriu o desafio proposto pelo tutor, não havia motivos para que os olhos não se tornassem azuis. O anseio pela realização do pedido faz com que a menina tenha dúvidas, o desejo não era somente uma realização pessoal. A aprovação da sociedade sobre a sua nova forma era o que de fato importava, não deveriam ser azuis para ela, e sim para os outros. “Mas suponha que os meus olhos não sejam azuis o suficiente. *Azuis o suficiente para quê? Azuis o suficiente para... Não sei. Azuis o suficiente para alguma coisa. Azuis o suficiente... para você!*” (MORRINSON, 2019, p. 204). Pecola precisava da aprovação da sociedade para estar inclusa. Os detalhes de sua aparência é que fazem com que ela seja tão humana quanto as pessoas não negras. Quando acredita ter olhos azuis, pensa que isso cause inveja à outras mulheres negras. A partir do momento em que se torna real, Pecola passa a viver em torno dos olhos azuis, era como se eles fossem um passe livre na sociedade. “Não sei. Depois daquele primeiro dia na escola, quando eu estava de olhos azuis. No dia seguinte eles chamaram a senhora Breedlove. Agora eu não vou mais. Mas não me importo” (MORRINSON, 2019, p. 197). Somente a personagem afirma ter certeza do acontecimento, ao longo do enredo, Pecola é a única que diz explicitamente que seus olhos se tornaram de fato azuis. Os demais personagens tratam a menina de modo acreditar no que ela mesmo afirma, uma forma de colocá-la em uma bolha de proteção.

O abuso sexual cometido por seu pai fica em aberto. No final da obra, Morrison (2019) aborda à questão dos olhos azuis, em paralelo com o desfecho da relação entre Pecola e Cholly. A autora retorna no assunto algumas vezes no enredo. É possível saber desde o primeiro momento da gravidez da personagem, no entanto, não é possível saber se o ato ocorreu no primeiro momento de abuso. Após o surto de Cholly ao atacar a filha e cometer o ato de violência sexual, o assunto se faz presente, e o pai comete o crime mais vezes.

*Por que foi, então que você não contou para a senhora Breedlove?  
Eu contei!*

*Eu não estou falando da primeira vez. Estou falando da segunda, quando você estava dormindo no sofá.*  
Eu não estava dormindo! Estava lendo! (MORRINSON, 2019, p. 200).

A personagem não tem voz para a denúncia, afinal, é somente uma criança acusando ao pai. Mesmo que sua mãe tenha visto, os abusos tornam-se recorrentes, não há uma tentativa de proteger Pecola. O corpo é explorado de todas as formas possíveis. A mulher negra na obra não é dona de si, sempre alguém há possuir, seja de modo exploratório no serviço, sexual, ou a explanação da sua imagem de modo negativo. Essa mulher é mercadoria, e o que determina o produto é a sua cor. “O negro é uma sombra no meio de um comércio de olhares. Esse comércio tem uma dimensão tenebrosa, quase fúnebre, tamanho é o grau de elisão e cegueira que exige para seu funcionamento” (MBEMBE, 2018, p. 199). Tudo o que acontece com a personagem pela faz com que todos olhem para ela, porém, ela nunca é vista, nunca é a pessoa a quem dirigem atenção. Como se não fosse digna de cuidado, todos veem, mas ninguém age. A persona não existe naquele corpo, é somente osso e cor. A menina sofre abusos sexuais, relata, diz o quão ruim foi, todavia, é só mais uma. É tão decorrente que acontecer com ela não a faz especial ao ponto de receber ajuda. Se muitas meninas lidam com isso, ela também irá lidar. Em determinado momento é acusada de ter culpa pelos abusos. ““Por que será que ele fez uma coisa dessas?” “Não tenho a menor ideia. De maldade.” “Deviam tirar ela da escola.” “Deviam. Afinal, ela é um pouco culpada também.”” (MORRINSON, 2019, p. 189). A dignidade da mulher negra é retratada por Morrison (2019) de modo não folclórico. É cotidiano, muitas são abusadas e vistas como culpadas, quando a gravidez ocorre não é culpa do agressor, e sim da vítima.

Pecola sofre do início ao fim os danos por ter a sua cor, de modo a ser um facilitador para exploração e abusos. É vítima de um sistema que já a faz nascer marginalizada, e sua estética chega antes de si. “Tentávamos vê-la sem olhar para ela, e nunca, nunca chegávamos perto. Não porque fosse absurda ou repelente, ou porque tivéssemos medo, mas porque tínhamos falhado com ela” (MORRINSON, 2019, p. 205). Todos ao seu redor falharam com ela, tinham olhos para ver, mas não viam a necessidade de agir. O descaso refletiu em pouco tempo na cabeça da menina. A crença dos olhos azuis terem acontecido para ela, foi a libertação de sua dor.

Alguns de nós a “amaram”, é verdade. Linha Maginot. E Cholly amou-a. Tenho certeza. Ele, em todo caso, foi quem a amou o suficiente para tocá-la,

envolvê-la, dar-lhe algo de si. Mas o toque dele foi fatal, e o que ele lhe deu inundou de morte a matriz da agonia dela (MORRINSON, 2019, p. 206).

Utilizaram dela como uma forma de esponja, limpavam-se na menina, descarregarem todas suas frustrações no corpo que estava aberto a isso. E um dos únicos reconhecidos por demonstrar amor à Pecola foi Cholly, seu pai abusador, afinal ele foi o único que teve coragem de tocá-la. Ela é um vir-a-ser o tempo todo, no entanto, nunca se torna algo, sempre vivendo de forma plástica - sem forma. “E agora, quando a vejo remexendo no lixo – procurando o quê? Aquilo que assassinamos? Digo que *não* plantei as sementes fundo demais, a culpa foi do solo, da terra, da nossa cidade” (MORRINSON, 2019, p. 206-207). E assim Pecola termina a história. Sem dignidade, um devir-animal vasculhando um lixo, vivendo sem humanidade. Mesmo sendo inocente pagou pelo seu crime, ao longo de todo o enredo viveu o enclausuramento em decorrência da cor. Ser negra foi motivo da sua prisão perpétua, sempre estará presa a si.

## 5 CORRA!

O filme “CORRA!” originalmente nomeado como *GET OUT* foi lançado no ano de 2017 por Jordan Peele. A obra cinematográfica estadunidense traz como personagem principal o personagem Chris Washington. O protagonista é um homem negro e namora Rose Armitage, uma mulher branca. Os demais personagens são: Dean Armitage e Missy Armitage, pais de Rose e Jeremy Armitage o irmão. Walter e Georgina são os empregados destaque da família Armitage. Rod Willians está inteiramente ligado no desenrolar do enredo, sendo amigo e colega de trabalho de Chris.

O filme foi reproduzido para análise na plataforma da Amazon Prime Video, com isto, as referências de *time* estão de acordo com o site. Assim como os diálogos abordos estão de acordo com a tradução do *streaming*. A cena inicial é noturna, e utiliza-se do recurso de pouca iluminação para corroborar com o suspense. O personagem com a câmera em primeiro plano está caminhando, e em um telefonema relata estar se sentindo deslocado por estar em um bairro de classe média. Percebe-se logo que o homem está sendo vigiado, e em pouco tempo, é raptado. O que chama atenção neste primeiro momento, é que a sequestro é de um homem negro. Após a cena há um corte para a abertura do filme, em sequência a obra começa mostrar elementos importantes para a formação do personagem Chris. Há uma sequência de fotos expostas, mostrando a visão de Chris pela fotografia. Na nova cena, aparece pela primeira vez em primeiro plano, Chris. Um homem negro, de grande estatura, e já no primeiro momento de exposição da sua imagem, ele é visto de costas e sem camiseta, ressaltando o corpo do protagonista. Chris recebe a visita de Rose, sua namorada, uma mulher branca, de cabelo liso e olhos azuis

O enredo entrega nos primeiros diálogos dos personagens a visão de Chris sobre a diferença racial. Ele irá visitar a família da namorada, e sua indagação é se a família tem conhecimento que ela namora um homem negro. O impacto da chegada na casa de uma família branca o assusta, mas Rose diz que não haverá problemas quanto a isso. No entanto, Chris não é o único negro ciente da situação a ser enfrentada. Rod aconselha o amigo a não ir à viagem, já que não é bem-visto um homem negro estar em um ambiente só de pessoas brancas. Durante o trajeto precisam de um policial para atendê-los, pois atropelaram um animal. Chris estava de caroneiro e o documento dele é solicitado, e não de Rose, a motorista. O personagem

mesmo não sendo o responsável pelo atropelamento, ainda assim precisa se identificar, de modo a ser sempre sendo suspeito de algo. Ser negro parece ser sua identificação. ““Negro” é, portanto, o nome que me foi dado por alguém. Não o escolhi originalmente. Herdo esse nome por conta da posição que ocupo no espaço do mundo. Quem está marcado como o nome “Negro” não se engana quanto a essa proveniência externa” (MBEMBE, 2018, p. 263-264). Com base em Mbembe (2018), o ser humano Chris é secundário, seu nome vem depois de negro. A identificação da cor sobressai ao ser.

Quando chegam à casa, a câmera faz um movimento de *travelling*, mostrando o quão grande era a residência, de forma que represente a visão de Chris de dentro do carro. A primeira pessoa vista é um empregado da casa, um homem com vestimenta simples, segurava instrumentos de trabalho. A retratação da visão de Chris por intermédio do movimento da câmera mostra que ele olhou fixamente para o empregado, não foi somente um relance. O primeiro serviçal da família Armitage retratado é um homem negro. Logo o casal é recepcionado pela família de Rose, os dois são recebidos de forma cordial. A câmera continua em um movimento de *travelling*, mas agora não mais pela visão de Chris, está mostrando a dimensão da casa por dentro enquanto os personagens se deslocam entre os cômodos. O personagem é convidado para conhecer a casa na companhia de Dean, o pai de Rose. Logo é perceptível o poder aquisitivo da família, peças de viagem e a verbalização do interesse em outras culturas. A obra reforça mais uma vez o que Mbembe (2018) diz, o negro é retratado de forma inferiorizada, o homem branco sempre aparece como superior. Dean mostra a Chris um quadro de seu pai, que ficou famoso por ser derrotado por Jesse Owens<sup>2</sup>. Hall (2016) retrata a forma como era visto como vilão o negro que superasse o homem branco, o negro não era o vencedor, e sim o branco que infelizmente falhou. O homem não ficou famoso por ter ganho, e sim porque falhou e um negro sobrepôs-se a ele.

Na continuação da exposição da casa, ao chegarem na cozinha uma mulher negra estava vestida como serviçal, era Georgina. Ao saírem da casa, Dean explica a presença dos funcionários negros, justificando serem empregados de muitos anos da família. Em uma nova cena, a família de Rose e Chris estão em uma mesa conversando sobre a vida pessoal, e descobrem que Chris é fumante. Com o assunto

---

<sup>2</sup> Participou de Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim.

do tabagismo, foi proposto uma sessão de hipnose para acabar com o vício, a mãe de Rose atendia os pacientes psiquiátricos na própria casa. Algo incomum acontece durante a conversa, Georgina serve todos à mesa, mas na hora de servir o único negro, não conseguiu se concentrar. A personagem estava acostumada a servir pessoas brancas, nunca negros como ela.

Num tal universo, o escravo aparece, não como uma entidade feita de uma vez por todas, mas como um sujeito *no trabalho*. O próprio trabalho é uma atividade permanente. A própria vida se desenrola como fluxo. O sujeito na vida é um sujeito no trabalho (MBEMBE, 2018, p. 250).

A empregada é o próprio trabalho, vive para servir a família. Não há distinção entre a pessoa e o serviço, difundiu-se, de modo que Georgina só seja vista como serviçal. O corpo negro de Georgina a faz escrava do trabalho. Posteriormente, no jantar, Jeremy, irmão de Rose, desafia Chris para uma demonstração de luta. Começa a desferir suposições acerca do corpo de Chris, dizendo que se ele tivesse treinado de verdade, teria pré-disposição para ser enorme. Aos 0:24:48 diz que “Você seria um monstro”. Vai até ele e começa a passar as mãos pelo corpo de Chris sem permissão. De modo que o corpo negro fosse um passe livre para o toque. Hall (2016) aborda a questão do estereótipo corporal do homem negro, visto como um monstro, músculos desenvolvidos, corpo atlético e força descomunal. A visão projetada sobre esse corpo, faz parecer que como Chris não é assim, é por falha própria.

Chris sente-se desconfortável na residência, a cena noturna utiliza o recurso de primeiro plano mais aproximado do rosto do personagem. Há uma movimentação estranha por parte dos empregados, um corpo agindo de forma robotizada. Chris sai do quintal e retorna para casa, é abordado por Missy, mãe de Rose. O personagem recebe o convite para entrar no consultório e aceita, no entanto, entra desconfortável. Sem perceber, Chris está entrando em uma sessão hipnose, começa sendo questionado o vício em cigarro e adentra no assunto da morte da mãe dele. A todo momento o personagem é coagido. Independente do seu tamanho, porte físico, ele é constantemente forçado a fazer e falar coisas as quais não pretende, e quem coage sempre são pessoas brancas. Utilizam da dominância que tem sobre o corpo negro até de forma mascarrada de ajuda. Durante a cena no consultório, com o enquadramento em *close*, mostra Missy manuseando uma colher dentro de uma xícara, é o instrumento utilizado para a hipnose. As perguntas feitas ao homem o

levam novamente para o momento da morte de sua mãe. No qual ele sabia que ela estava na rua, quando deveria ter chegado em casa, não a procurou. O medo de encarar à realidade o deixou sem reação, e assim sua mãe morreu sozinha na rua. Tudo voltou a ser real, a chuva, ele no cômodo em frente a tv, estava preso àquele momento. Chris não consegue voltar a si, está preso na sua própria lembrança. Missy utiliza do poder de submissão e faz o personagem entrar em um vazio.

Figura 1 - Chris sendo hipnotizado



Fonte: Google Imagens (2023).

A imagem de Chris em *close* no rosto, retrata bem a expressão de agonia, a postura dos ombros enrijecida, o corpo preso a cadeira, e os olhos bem abertos. O pânico de estar aprisionado, seu corpo não respeitava seu desejo. Mais uma vez, o negro está sob o controle de um branco. Segundo Mbembe (2018) o nome “negro” é um sinal de submissão. Chris não consegue fugir em momento algum do controle da família Armitage. A cena do consultório finaliza com o corte seco e uma nova cena inicia-se na manhã seguinte. O personagem sai da casa para fotografar, e pelo lado de fora da casa percebe a empregada pela janela, novamente com um movimento estranho, dessa vez escondendo algo com o cabelo. Em sequência, encontra outro empregado da família e vai ao seu encontro. A cena retrata um homem negro fazendo o serviço de cortar lenha. Mas o posicionamento da câmera não é o mais comum durante o filme, a câmera se afasta junto com Chris mostrando um plano conjunto.

Figura 2 - Chris e o empregado da família Armitage



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Chris é enquadrado em primeiro plano e o empregado ao fundo fazendo um serviço braçal, o posicionamento da câmera retrata o corpo do homem – alto e forte. Sendo assim, novamente a afirmação de Hall (2016) sobre os estereótipos corporais dos negros é replicada na obra de Jordan Peele (2017). O corpo não foge a retratação criada em cima de estereótipos, não é um corpo negro e franzino. Se fosse, não chamaria atenção, e por vezes, seria considerado um corpo doente. Em uma única imagem pode-se ver dois homens negros, no entanto, em posições diferentes. Um servindo a família como empregado, o outro sendo namorado, mas de todas as formas, a cor dos dois os prende a submissão. Um fator que influencia no restante do enredo, é a expressão e o objeto que tem em mãos. O vício do cigarro vira repulsa, o personagem percebe que de fato passou pela sessão de hipnose proposta no início do filme, só que não permitiu que acontecesse. Ele foi forçado a largar a dependência do cigarro. Em uma nova cena, reporta o que aconteceu para Rose, até mesmo sobre a sessão de hipnose não permitida. Vê como algo invasivo, no entanto, no primeiro momento acha que surtiu um efeito positivo sobre a sua vida. A dependência foi cessada, esse era o foco principal, o método ficou em segundo plano.

Em uma nova cena, na manhã seguinte há uma festa na casa e Chris está ciente de que os convidados serão todos brancos, e novamente, estará deslocado. É apresentado a todos os convidados como o namorado de Rose, dentre as apresentações, novamente ouve comentários relacionados a potência esperada do corpo negro. Até mesmo alusão aos genitais. Hall (2016) diz que o corpo negro é sexualizado, um fetichismo sobre a imagem corporal é projetado. Chris é apalpado nos braços, visto dos pés à cabeça, seu corpo está em uma vitrine de olhares, como se corpo fosse a mercadoria a ser adquirida. Para a surpresa de Chris, avista um

homem negro de costas, muito bem-vestido, não estava com vestimenta semelhante ao dos empregados. A cena começa em plano geral e vai aproximando, Chris cumprimenta o homem, no primeiro momento já percebe algo incomum. A fala era robotizada, os movimentos minimalistas, tudo controlado. O homem identifica-se como Logan King, estava acompanhado de uma mulher branca que aparentava ser muito mais velha. Apesar das boas vestimentas, ainda assim, estava na posição de empregado, só que dessa vez não era de serviços domésticos. Hall (2016) diz que o homem negro começa ser aceito quando se caracteriza de branco, é isso que acontece com Logan. É bem-visto por estar vestido como um homem branco. Em meio a festa, Chris está em total desconforto com a situação, em um passeio pelo quintal, encontra Jim Hudson. Era um apaixonado por fotografia, mas o detalhe principal era que Jim era um homem cego. Apreciava as imagens por meio de descrições.

Quando Chris entra no quarto, todos os convidados paralisam, mas o personagem não percebe. O que chama a sua atenção no quarto é o seu celular estar desconectado do carregador, pressupondo que Georgina faça isso de modo proposital por não gostar dele. Em uma ligação telefônica com Rod, Chris conta dos acontecimentos e do momento de hipnose que foi submetido sem permissão. O amigo automaticamente expressa sua visão sobre o assunto e os riscos que Chris que está exposto. Na mesma cena, Georgina entra no quarto para se justificar sobre o ocorrido e seu comportamento é incomum novamente.

Figura 3 - Georgina



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Georgia sorri e chora enquanto diz não se preocupar com repressão por parte da família Armitage. Que o ocorrido foi um descuido seu e não tem medo de ser exposta. Seu rosto está em *close* mostrando bem sua expressão, a fala da

personagem não condiz com o que seu rosto mostra. Os olhos expressam agonia, seu sorriso contradiz suas lágrimas, não está emocionada de felicidade. A sensação é que Georgina quer falar algo, mas está presa. Seus gestos, falas, comportamentos, tudo nela é controlado. A personagem, ironicamente, não tem persona. É como seu corpo fosse um vazio e seu sentimento não pudesse ser expresso. A única coisa que denuncia a presença de algo dentro do vazio, é o desespero em seus olhos.

A raça é também a expressão de um desejo de simplicidade e de transparência – o anseio por um mundo sem surpresas, sem cortinas, sem formas complexas. Ela é a expressão da resistência à multiplicidade. É, por fim, um ato de imaginação, ao mesmo tempo que um ato de desconhecimento (MBEMBE, 2018, p. 200).

No enredo, a movimentação das pessoas negras não é natural. Há um anseio expresso nos olhares, como um pedido de socorro. Quando Logan King reaparece, Chris tenta tirar uma foto escondida, porém o *flash* dispara. Como se fosse acordado de um sonho para a realidade, Logan muda completamente de expressão, a fala robotizada dá espaço para um homem descontrolado. O personagem tenta dizer algo a Chris, mas suas palavras são “corra!” repetidamente. Muito desnorreado, parecia estar de volta ao real, saído de uma prisão, o *flash* o libertou e trouxe à tona sua voz. Após a exaltação, Logan reaparece em uma nova cena, calmo, controlado e robotizado outra vez. Detalhe importante, Missy estava presente no momento em que tentam controlar o personagem no consultório. O compilado de acontecimentos perturba Chris, o personagem sente vontade de sair dali, e voltar para sua casa. Estar em um ambiente somente de pessoas brancas, não é seguro para ele. No momento em que sai de perto dos convidados e da família de Rose. A cena seguinte é de Dean fazendo número com os dedos, e quando a câmera distancia, aparece um grande quadro com a imagem de Chris, estava acontecendo algo semelhante a um leilão. E o objeto era um homem negro. Mbembe (2018, p. 93) diz que negro sempre foi o nome do escravo – *homem-metal*, *homem-mercadoria* e *homem-moeda*. O protagonista mesmo sem saber, está sendo uma mercadoria, há algo nele que interessa aquelas pessoas.

O enredo em torno da festa finaliza, uma nova cena noturna inicia de forma macabra, aparece todos os personagens do núcleo da família Armitage sorrindo do lado de fora da casa. Chris envia a foto de Logan King para Rod que o identifica como Andre Hayworth, o personagem tinha outra identidade. Com isto, Rod desconfia que

o personagem esteja servido de escravo sexual. “Deparar-se com o escravo é experimentar um vazio tão espetacular quanto trágico.” (MBEMBE, 2018, p. 150). O vazio que permeia a negritude, por vezes, é o espaço da identificação. Estar preso no vazio de si e não conseguir sair. Olhar-se e não se reconhecer, viver na indignação do pertencimento. É deixar que o corpo vazio seja preenchido com a submissão. Logan não pertencia àquele corpo, a falta de alma demonstra o vazio existencial do personagem. Estava sendo escravo de vontades que não eram suas. Dentro da cena do quarto, após a conversa com Rod, Chris percebe a urgência de sair do local, e ao encontrar uma caixa de fotografia de Rose, percebe o motivo de estar ali.

Figura 4 - Georgina e Rose



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Rose coleciona uma caixa com a fotografia de todos os ex-namorados, o que há de comum entre eles é a cor. Todos são negros, homens que carregam o mesmo estereótipo. E por último, a foto era de Rose e Georgina, a empregada aparece com a fisionomia diferente e com seu cabelo natural. Chris entende neste momento que foi atraído para a casa com um propósito. O suspense intensifica, o personagem entra em ciclo de desespero, a ansiedade de ir embora da casa faz com que ele não veja Rose como uma potencial ameaça. O tempo todo insiste para a namorada procurar as chaves do carro para saírem dali. Rose em momento algum entrega as chaves, a família dela já estava à espera de Chris. O intuito deles não é machucá-lo, afinal, o que querem por um motivo específico – o corpo. Ele tenta lutar, mas o *close* da câmera mostra rapidamente o que o detém, a xícara utilizada por Missy nas terapias. E assim, Chris perde o controle de si, fica vulnerável e à mercê das vontades da família Armitage. E mais uma vez, o negro virá objeto, uma vida sem forma e fragilizada. O

homem negro pode até mesmo ter o físico que os estereótipos pressupõem, mas isso não dá a ele o poder sobre o seu corpo, facilmente é dominado por um homem branco.

Um corte de cena mostra Rod tentando contato com o amigo, como não tem retorno, começa a tentar entender o que aconteceu e pesquisa sobre Andre Hayworth. Encontra notícias sobre o desaparecimento e conseqüentemente associa o caso à Chris. Enquanto isso, Chris está uma sala, foi domado. O corpo está amarrado em uma cadeira em frente a uma TV. Parece que o personagem está sendo preparado para o abate. Traz a animalização em torno da figura do negro, como cita Hall (2016). O homem é visto de forma irracional, só atende seus desejos, não tem raciocínio. Assim como a grande maioria dos animais. É assim que o personagem age no primeiro momento, morde as amarras na intenção de soltá-las, não verbaliza palavras, somente sons de desespero, como um grunhido. Gestos normalmente visto na reação de animais acuados. O homem negro age com selvageria, assim como Hall (2016) descreve a animalização. Pelo aparelho televisivo é feito o contato com Chris, e quem aparece é o homem que se diz apreciador das suas fotos – o homem cego da festa, Jim Hudson. O desejo sobre o protagonista está em torno dos seus olhos, a forma como vê e captura.

As mercadorias só têm valor porque contribuem para a formação de riquezas. É, aliás, nesse sentido que são utilizados ou trocadas. Na perspectiva a razão mercantilista, o escravo negro é simultaneamente um objeto, um corpo e uma mercadoria. Enquanto corpo-objeto ou objeto-corpo, possui uma forma [...] No sistema mercantilista, o negro é, portanto, esse corpo-objeto e essa mercadoria que passa de uma forma a outra e, quando chega à fase terminal, atingida a exaustão, sofre uma desvalorização universal. A morte do escravo assinala o fim do objeto e sua saída do estatuto de mercadoria (MBEMBE, 2018, p. 145-146).

O personagem foi escolhido por suas características físicas, Chris faz parte de um comércio, e seu corpo é a mercadoria. Ele vive para servir, serve as vontades da namorada, da família Armitage e agora, de forma mais invasiva seu corpo é desejado na totalidade. Sem possibilidade de controle sobre si, perde a autonomia da sua vida. O corpo de Chris está ali para difundir-se à um corpo branco. As qualidades vistas no seu corpo, são almeçadas e possíveis de serem acessadas. Será escravo de um cérebro branco dentro de si mesmo.

O negro não tem voz ativa, o que é dito não é considerado, é um discurso visto sem fundamento e credibilidade. Quando o personagem Rod tenta fazer a denúncia à polícia, ele é motivo de escárnio. Os agentes eram negros assim como ele, mas sua

voz foi calada e invalidada. Liga para Rose em busca de informações de Chris, no entanto ela percebe a intensão de Rod e tenta seduzi-lo para despistar. Enquanto Rod procura o amigo, Chris continua sobre domínio da família Armitage. Pela TV recebe as instruções, e é por ali que tem contato visual e auditivo da xícara utilizada para induzir a hipnose. Aos poucos, o personagem percebe os artifícios utilizados para o controle do seu corpo. A indução à hipnose faz com que seu corpo não o responda, seja dominado e utilizado por outras pessoas. O corpo negro está em mais um momento de vulnerabilidade. Em uma das mensagens televisionadas, o personagem descobre que será transplantado, seu cérebro também estará sobre o domínio de uma pessoa branca. Sendo assim, toda a plasticidade do corpo, dar-se-á ao cérebro também, não terá nem mesmo a possibilidade de sentir e de ser. Tornar-se-á um protótipo, a junção de tudo o que se é desejado no corpo negro com o comando cerebral de uma pessoa branca. O negro ficará adormecido no subconsciente. Como se fosse um parasita no próprio corpo. Mbembe (2018, p. 21) diz que: “Humilhado e profundamente desonrado, o negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito em mercadoria – a cripta viva do capital”. Chris não é visto pelo Armitage como um ser humano, é uma mercadoria. Um objeto que está à venda, e o item de desejo são seus olhos – sua visão é desejada.

A cirurgia para o transplante está preparada e Chris será levado à sala por Jeremy. O irmão de Rose solta o homem-mercadoria por pensar que estava sobre momento de controle daquele corpo. No entanto, a hipnose dessa vez não surgiu efeito. Chris compreendeu que o barulho da colher na xícara era o que fazia perder o controle de si. O artifício utilizado para evitar tão acontecimento foi utilizar o enxerto da cadeira que conseguiu retirar com as unhas e colocar nos ouvidos. O movimento de suas mãos aparece em várias partes do enredo em *close*. As mãos do personagem denunciam uma inquietação e desconforto desde o início. A maior parte da cena é filmada em plano médio e primeiro plano. O foco não está no cenário, e sim na movimentação precisa dos personagens. Chris aproveita que está solto, aproveita o momento vulnerável de Jeremy quando o personagem está de costas e o golpeia na cabeça, sem chance de defesa. No momento em que está no chão, a cena aparece em *contra-plongée*, mostrando pela primeira vez a visão de Chris em superioridade ao corpo branco. Ai em diante, o negro luta pela sua vida. Vai em busca de uma fuga

daquela casa, mata o Dean com um cervo de decoração. Quando encontra Missy, precisa lutar para destruir o objeto responsável por perder o controle de si – a xícara.

O homem negro vive em busca da liberdade, está aprisionado a amarras de um passado que o condena constantemente. Estar em um corpo negro, é estar em busca de absolvição por crimes não cometidos. Mas ainda assim que foram condenados. Chris luta por uma soltura, está preso sobre o domínio de pessoas brancas. Sua cor o condenou a esse cárcere. A luta pela sua vida, é a luta da existência da raça. Ter domínio do próprio corpo, para o personagem, é a liberdade desejada no momento. O homem-mercadoria, luta com todos os seus vendedores. Todos da família Armitage entram em luta corporal com Chris na tentativa do transplante. A única personagem que não aparece em cena é Rose, que no mesmo momento já está pesquisando novos homens-mercadorias.

Após a fuga da casa, Chris acaba atropelando Georgina. Em um momento de retorno ao passado, sente-se na obrigação de parar a fuga e salvá-la. Não podia ser covarde e omissivo novamente, já havia deixado sua mãe morrer em um atropelamento por falta de socorro. Arrisca o pouco tempo que tem e coloca a empregada no carro no momento da fuga. Rose ouve a movimentação estranha, aparece na porta da casa armada e pronuncia a palavra “vovó”. Em uma nova cena, a relevação é feita, o cabelo de Georgina não era mais o natural visto na foto, a peruca escondia algo – uma cicatriz na testa. A personagem já havia sido transplantada. No momento em que desperta no carro, entra em embate com Chris que acaba colidindo com o carro. Georgina é mais um corpo negro comandado por um cérebro de uma pessoa branca.

Figura 5 - Georgina e Chris no carro



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Os personagens negros em torno da família Armitage são transplantados. E todos eles entram em luta com Chris, parecendo que negros estão brigando entre si. Sendo que, na verdade o negro já não está mais no comando de si, não controla seu corpo e mente, sua consciência está adormecida. Chris sabe o que fazer para trazer o que resta do negro para si, acionar o *flash* em direção aos olhos desperta o que está adormecido. É a ação utilizada para salvar-se quando é atacado pelo zelador da casa, chamado de “vovô” por Rose. Chris e Rose fazem o embate final, há luta corporal e disparo de tiro, o homem não mata a personagem quando tem oportunidade. Apesar de tudo o que aconteceu, não consegue finalizar o ato. Quando os dois estão no chão, aparece uma viatura, Rose chama por “socorro!”, mas para surpresa de Chris, o motorista era Rod, seu amigo. A câmera mostra o rosto de Rose em *close* com os olhos bem abertos e sangue escorregando pela boca, foi a última da família a morrer na cena. Rod e Chris vão embora e em movimento de *travelling* é mostrado o que ficou para trás. Todos mortos e o homem negro visto como *homem-metal*, *homem-mercadoria* e *homem-moeda*, como diz Mbembe (2018, p.93), é o sobrevivente da história. Jordan Peele (2017) opera no enredo o corpo negro não pertencendo ao negro, como a prática de *black face*, conhecida no teatro. Corpos brancos pintados de pretos, querendo parecer um negro, sem ser. Na sua maioria, de forma exacerbada, para fazer da imagem negra ao cômico. A obra “Corra!” traz o corpo negro, comandado por um cérebro branco, trazendo o terror acerca do tema. Não há intenção de ser cômico. Há traição da confiança do protagonista, como se todos os empregados negros fossem pessoas brancas pintadas em um corpo negro. Peele (2017) converteu o que originalmente era cômico, em terror. Fez crítica da utilização da imagem do negro, a exploração e o fetiche que permeia a negritude.

## 6 CONCLUSÃO

Ao decorrer da pesquisa os objetivos foram sendo alcançados, mostrando a necessidade de abordagem do tema. Em suma, percebe-se que o assunto precisa ser evidenciado e exposto. Conclui-se que a imagem da negritude e as formas de representação são distintas, mas em sua maioria a imagem é de um homem-mercadoria-moeda. A própria imagem negritude virou um comércio. Na obra “O olho mais azul” da autora Toni Morrison, a personagem Pecola é a protagonista do enredo. Uma menina negra que sofre inúmeros abusos ao longo da trama, é exposta aos abusos sexuais do pai, engravida, sua família é despejada, e além de tudo é desprezada. Pecola carrega na sua imagem os estereótipos da negritude e eles são descritos de forma negativa pela menina. Não se sente bem por ter cabelo afro, a pele escura e traços negros. O maior sonho da sua vida é se libertar disso, viver livre da sua própria imagem. Para ela, a vida seria melhor se tivesse olhos azuis, característica predominante em pessoas brancas. Só assim sua imagem refletiria o que é aceito como belo, e o principal – o que é visto. A negritude da sua imagem faz com que ela seja só mais uma em todos os abusos sofridos, algo recorrente. Na obra as personagens mulheres sofrem do início ao fim, mas nenhuma é digna de atenção e cuidado. Cada qual dentro da sua faixa etária, no entanto, ambas sofrem a violação do ser – a criança se torna um objeto sexual e a adulta é a serviçal explorada. A mulher é descartada no primeiro sinal de que não tem mais serventia, uma mercadoria, quando não é útil, é substituída. A imagem passada por Morrison (2019) não é de uma narrativa improvável, pelo contrário, existem inúmeras “Pecolas” sofrendo abusos, injúrias raciais, tendo os direitos da criança violados. O aporte teórico de Mbembe (2018) e Hall (2016) evidenciam e aparatam a escrita de Morrison (2019)

Na obra que se tem o destaque em cima da narrativa de Pecola, a aceitação do que reflete a si não ocorre. No entanto, ao analisar-se a produção “Corra!” do Jordan Peele, percebe-se que a imagem negra é a mercadoria de destaque desde o início da produção. O corpo de Chris é a primeira coisa a ser destacada na sua aparição. O desenrolar da trama mostra o corpo negro em posição de serviçal, da mesma forma como aparece na obra de Morrison (2019). Servem à família branca da história e demonstram gratidão pela posição de empregados que ocupam. No “O olho mais azul” a empregada sente-se prestigiada por seus serviços serem essenciais e sua presença inteiramente necessária. Em “Corra!” a empregada diz estar em posição

de liberdade, que não é obrigada a prestar serviços, faz porque quer. A realidade é que ambas as domésticas serão substituídas quando o serviço não agradar mais. Estão em posição de descarte na falsa ilusão de serem insubstituíveis. Chris aparece como o namorado negro de uma mulher branca, não percebe, mas é o tempo todo objetificado. A posição social entre o casal é distinta, Chris não vive na riqueza, da mesma forma que a protagonista da outra obra, Pecola, também não. O negro não é exposto a posição de poder, sempre abaixo do branco. O domínio nunca está em suas mãos.

A produção cinematográfica utiliza do artifício da imagem para a construção do enredo, *closes* mostram detalhes importantes para a compreensão da obra. A produção literária deve se apegar a descrições para atingir o mesmo objetivo. No filme, a história de Chris não é vista antes do namoro com Rose, é como se sua vida não existisse. Sua vida é validada a partir do momento que está em posição de visibilidade para o branco. Assim como Hall (2016) cita que o negro só é aceito quando se veste e compartilha-se como um branco. Chris não percebe que está sendo atraído, o negro-mercadoria-objeto é o atrativo, está em uma vitrine. O personagem foi escolhido pelas suas características, a principal é sua visão. O corpo negro novamente é visto na posição de comercialização. Querem artifícios daquele corpo, para isso, implantariam o cérebro de uma pessoa branca, dominando por completo o ser. O não negro durante toda a história já coloca o negro em posição de submissão, a obra de Peele (2017), mostra a submissão na sua totalidade. Até mesmo o ser daquele corpo é retirado, como uma embalagem que se tira o produto e se reutiliza o casco. Chris não era interessante por ser quem é, era interessante por ter qualidades que não se encontra em outros corpos. Visto a análise das obras, foi possível perceber que mesmo a retratação do corpo negro sendo diferente, um sendo homem e outro mulher, a imagem da negritude está em submissão. Estão presos a estereótipos que percorrem a cor, a raça anula sua identidade, sobrando somente o negro – a imagem da cor. Os protagonistas vivem em situações sociais distintas, no entanto, não são detentores de riquezas, o poder não está em suas mãos. São sempre dominados por brancos e esmagados pelo sistema da sociedade. O devir-negro coloca Pecola em situação de miséria, a qual nunca consegue sair. A condição da sua vida dar-se-á pela cor, ser negra a colocou na indigência. A pesquisa mostrou-se necessária para debater esses apontamentos, as fragilidades acerca da imagem da negritude. A comparação dos dois filmes revela o racismo em extremos. De um lado aquele que desvaloriza a

negritude e condena o ser à subalternidade. Do outro lado o fetiche da ração, de forma que o elogio seja racista, objetificando o negro. Esvaziando o ser, de modo que haja interesse somente na raça. As desigualdades sociais e o lugar em que o negro é colocado na sociedade. Destarte, os apontamentos da problematização foram analisados e fundamentados, tendo um resultado positivo e esperado. Com isto, espera-se que a pesquisa possa corroborar para novos trabalhos acerca do tema e novas obras sejam analisadas.

## REFERÊNCIAS

**CORRAI.** Direção: Jordan Peele. Produção: Jordan Peele. Estados Unidos: [s. n.], 2017. Disponível em: Amazon. Acesso em: 26 out. 2022.

GERHARDT; SILVEIRA. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em: 16 set. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra.** N-1 edições, 2018a.

MORRISON, Toni. **O olho mais azul.** 2. ed. São Paulo: Companhia de Letras, 2019.